

PENSAR

AMANHÃ PODE
NÃO TER NINGUÉM

Na ficção especulativa “Movimento 78”, o carioca Flávio Izhaki lida com as relações entre os seres humanos e a tecnologia

ANDRÉ DE LEONES*
ESPECIAL PARA O EM

O sul-coreano Lee Sedol é um ex-jogador profissional de Go e um dos maiores detentores de títulos em torneios internacionais desse jogo de tabuleiro. Ele anunciou sua aposentadoria em 2019, aos 36 anos, após 24 de carreira. Pouco antes, em 2016, Sedol foi derrotado quatro vezes, em uma série de cinco partidas, por uma inteligência artificial, a AlphaGo. Um dos melhores capítulos de “Movimento 78” (Companhia das Letras), ficção especulativa de Flávio Izhaki, dedica-se à única partida vencida por Sedol na série, e resume bem o teor da discussão colocada em suas páginas a partir da história, de 1939 ao “último terço do século 21”, de uma família comum: a “questão da técnica” (ou da tecnologia) e suas implicações biopolíticas.

“Movimento 78” oscila sobretudo entre o presente (ou quase) e um futuro — e é imprescindível abordar esse tipo de narrativa assim pluralmente, pensando em termos de “futuros”, possibilidades exploradas pelo autor a partir de um dado estado de coisas que nos é familiar agora, em nosso presente hiperconectado e conflagrado. Claro que, em alguns dos melhores exemplos do gênero, passados e presentes alternativos também servem como mote, como é o caso em “O homem do castelo alto”, de Philip K. Dick, “Associação judaica de

polícia”, de Michael Chabon, “Farthing”, de Jo Walton, ou mesmo “The instructions”, de Adam Levin, com suas mil e poucas páginas de puro deleite verbal e imaginativo.

No quarto romance, Izhaki trabalha em um registro menos estridente, atento aos temas familiares que já explorou nos ótimos “Amanhã não tem ninguém” (2013) e “Tentativas de capturar o ar” (2016), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. No lançamento paulistano de “Movimento 78”, ele chegou a afirmar que não tem um conhecimento profundo dos gêneros de ficção científica e especulativa (referiu-se a eles como “literatura de nicho”), e rejeitou caracterizar o novo romance sob tais “rótulos”. Aqui, a afirmação de desconhecimento serve para desqualificar e anular a rejeição (in)consequente. Coisa similar foi dita por Ian McEwan ao lançar “Máquinas como eu”, o que é curioso, pois os britânicos tendem a lidar melhor com essas aberturas — vide J. G. Ballard e Doris Lessing, esta agraciada com o Nobel de Literatura. Indo direto ao ponto: “Movimento 78” é, sim, uma boa obra de ficção científica e especulativa (a rigor, “especulativa” abrange “ficção científica”), e a ignorância quanto ao gênero e os preconceitos do autor não prejudicaram em nada a execução do projeto.

CAPÍTULOS EXPOSITIVOS

O romance se ocupa da história de Kubo, que se submete a um tratamento experimental, e sua família (preste atenção aos belos capítulos narrados pela esposa), e de um debate futuro entre Seiji, filho de Kubo, e uma inteligência artificial, Thomas Beethoven, em uma corrida eleitoral. Seja no presente, seja no futuro, as relações entre os seres humanos e a tecnologia pontuam o livro, e isso é ressaltado em capítulos expositivos que abordam momentos cruciais, fictícios ou não, em tais relações — como no já citado embate entre Lee Sedol e AlphaGo.

Há, também, o pungente relato sobre um soldado judeu durante a invasão da Polônia por nazistas e soviéticos, no começo da Segunda Guerra Mundial. Os Kubo descendem desse personagem, para quem o “silêncio é melhor que o berro, mas ainda assim não se sente seguro”. A sensação de insegurança de Kubo em 2019 nasce de outra espécie de perturbação: ele é coagido pela empresa na qual trabalha a se submeter a um tratamento “experimental, conduzido por computadores, que manipulariam seu corpo (...) para consertá-lo. Consertá-lo, sim, ele pensou, a palavra exata para eles é essa. Não curá-lo, mas consertá-lo de um problema”. O tratamento deve “consertá-lo” de uma doença que ainda não tem, mas que, segundo apontam os exames, “potencialmente” terá.

Assim, o corpo biológico do indivíduo não mais pertence a ele. Pressionado pelos superiores para ser “consertado”, Kubo sente na carne o “paradoxo da biopolítica” de que nos fala Giorgio Agamben no primeiro volume do “Homo sacer”, e seu corpo se torna a “terra de ninguém” em que, “no horizonte biopolítico que caracteriza a modernidade”, movem-se o médico e o cientista — no caso, nem sequer é outra pessoa quem se movimenta por ali, mas uma inteligência artificial. Kubo é manipulado por uma máquina e, assim desumanizado, torna-se o suprassumo das “Versuchspersonen”, das baibas humanas.

Seiji, por sua vez, precisa vencer outra inteligência artificial no referido debate, a fim de instituir, em um futuro esvaziado, a possibilidade de alguma reumanização. São batalhas perdidas, ao que parece, mas ainda abordáveis por meio da arte. Pois, conforme Heidegger afirmou em uma célebre conferência, “quanto mais pensarmos a questão da essência da técnica, tanto mais misteriosa se torna a essência da arte”. Felizmente.

*André de Leones é autor do romance “Eufrates” (José Olympio), entre outros